

A realidade que ainda não chegou

A MENTE PÓS-EVOLUTIVA

A Mente Pós-Evolutiva – Por: João de Fernandes Teixeira. Editora: Vozes. 160 págs.

Este é um livro com um potencial enorme de rejeição. Pelo seu tema, por suas premissas básicas e, ainda, por seus objetivos. Ora, em Filosofia, talvez seja esta a melhor situação para se lançar uma obra. Afinal, a dialética persiste.

Falar do pós-humano, da pós-evolução, é propor uma mudança radical, para dizer pouco. É uma mudança completa na própria concepção de existência. Na própria significação do que é viver, do que é consciência, do que é humano.

São questões que a Filosofia tradicional não resolve. E, para além disso, são questões que pressupõem que o pós-humano seja um progresso em relação ao humano.

Percebe-se, desde o primeiro momento, que a chance de uma antipatia pela proposta do livro é grande, pois a Filosofia tradicional tende pouco à aliança com a Ciência contemporânea. *Chips*, próteses e robôs são, evidentemente, extremamente recentes na história humana. Mas, não por isso, mercedores de lugares menos nobres que os temas antes pensados.

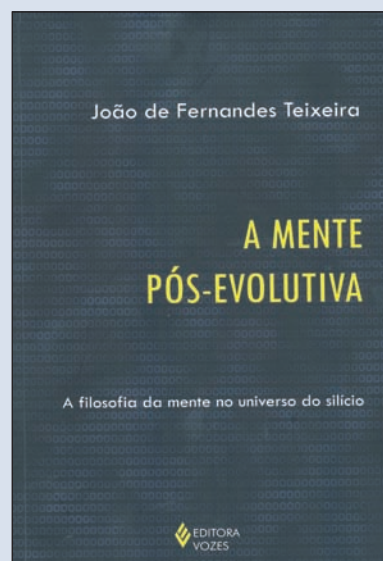
Assim, temos, neste livro, uma proposta de reflexão filosófica que seja capaz de pensar este momento da humanidade, que ainda não chegou, mas que se avizinha. É com o que flerta a Filosofia da Mente.

Por isso, recomenda-se ao leitor que se dispa de concepções apriorísticas – como as de vida, consciência, mente, conhecimento e humanidade – ao deparar-se com esta obra. As reflexões, aqui, tratam de outro universo cognitivo. Tratam do ciborgue. Do homem de 160 anos. E não é possível compreender suas asserções sem que se compreenda este novo universo.

Até mesmo àqueles que negam veementemente a possibilidade do pós-humano, a leitura é válida. A obra apresenta, de maneira convincente – ainda que dependente de uma “evolução” tecnológica – justamente esta possibilidade, desde a sua apresentação filosófica até seus preceitos tecnológicos.

Além disso, é preciso reconhecer a maturidade e a seriedade da reflexão. Apesar de, em alguns momentos, parecer tratar de uma concepção evolutiva que nega a evolução, o texto faz questão de ressaltar importante caráter ético deste novo mundo. Ele, por si só, não é capaz de nos tornar mais felizes.

O texto é composto de três momentos. No primeiro, o autor apresenta aqueles que caracterizam como pressupostos filosóficos do mundo pós-evolutivo. No segundo, três ensaios acerca dos ciborgues, que abordam, essencialmente, três questões: diferenças intransponíveis entre humanos e ciborgues; a radi-



cal mudança conceitual advinda da presença dos ciborgues e o corpo dos ciborgues.

Os ensaios são sucedidos por reflexões mais específicas da Filosofia da Mente. Aqui vêm à tona conhecimentos provenientes da Ciência contemporânea, tais como replicação da mente, implantação de chips, etc. Mas estes temas, de maneira lapidar, são entrecruzados com questões clássicas da Filosofia que se impõem a partir do momento em que o corpo humano vê como possível a sua maquinização.

Enfim, uma leitura recomendada pela abertura que propõe, pela seriedade com que trata de seu objeto e pela atualidade e inovação de suas propostas.